maior INVENÇÃO do Homem

EXPOSIÇÃO

PENAMACOR

ABRIL 2014 A ABRIL 2015

MUSEU MUNICIPAL

UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE O CURSO DA ESCRITA

FICHA TÉCNICA
CONCEPÇÃO, PESQUISA E DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO: Joaquim Nabais
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: Anabela Soares
PRODUÇÃO: Pedro Reis, Rosa Leitão, Alzira Leitão, Isabel Brito
DESIGN: Vitor Gil

MUSEU MUNICIPAL 2014

ÍNDICE

04 INTRODUÇÃO
06 ANTES DA ESCRITA
08 SAPIENS SAPIENS
10 A ESCRITA
12 O ALFABETO GREGO E LATINO
14 O TIPO - A EVOLUÇÃO FORMAL DAS LETRAS
16 SISTEMAS DE ESCRITA EM USO NO MUNDO
18 DOS ESCRIBAS AOS COPISTAS
20 A IMPRESSÃO ANTES DA PRENSA MÓVEL
22 A IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA
24 GUTENBERG E A PRENSA MÓVEL
26 O TIPO
28 TIPOGRAFIA E COMPOSIÇÃO
30 A ENTRADA EM CENA DO LINOTIPO
32 HISTÓRIA DA IMPRENSA PERIÓDICA
34 INDUSTRIALIZAÇÃO E A IMPRENSA DE MASSAS
36 OFFSET E OFFSET DIGITAL
38 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A maior invenção do homem

um olhar histórico sobre o curso da escrita

Dizer da escrita que é a maior invenção do homem é talvez mais uma forma de chamar a atenção para a extraordinária repercussão que esse acto de registar – por sinais codificados, em suportes mais ou menos duráveis, números , factos e ideias – teve no devir das civilizações, do que procurar estabelecer uma hierarquia de importância das realizações humanas. Estruturar um exercício sobre as implicações da escrita no progresso da humanidade, em todos os campos da realidade, qualquer que seja o ângulo de abordagem, é tarefa verdadeiramente enciclopédica, por ventura irrealizável. Na verdade, o desafio que aqui se põe, que é o de trazer à reflexão tamanha prova das capacidades superiores do homem, como é a invenção de um código visual que lhe permite mediar desde a transmissão de mensagens e resultados práticos às ideias e aos pensamentos mais íntimos, através do tempo e do espaço, este desafio, dizia-se, resulta, por arrasto, do facto concreto e bem mais prosaico de ter o Museu Municipal decido expor agora uma peça recentemente adquirida, em estrita ligação com a escrita. O bem em causa é a prensa tipográfica que durante anos matraqueou no nº 33 da Rua de Carros, em Penamacor, cujo proprietário, o Sr. Domingos Seguro, gentilmente doou ao Museu da Vila, em 2012.

antes da Escrita

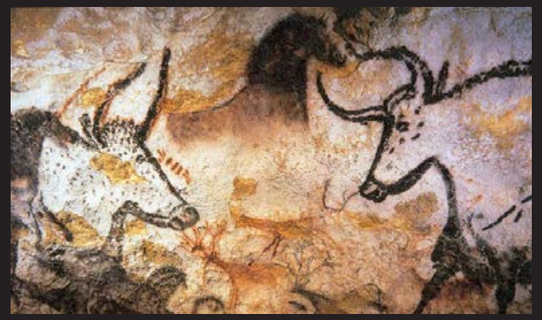
As pinturas rupestres do Vale do Catimbau, Brasil, integram-se num horizonte cronológico relativamente recente, +/- 2000 anos AP

El Castilho (Espanha) 40 000 anos

Abri Castanet (França) 38 000 anos

Altamira (Espanha) 18 500 a 14 000 anos

Antes da Escrita já o homem era capaz de processos de representação simbólica através do desenho, da pintura e da escultura. O homem desenha, pinta e grava desde há mais de 40 000 anos



Lascaux (França) 17 000 a 15 500 anos

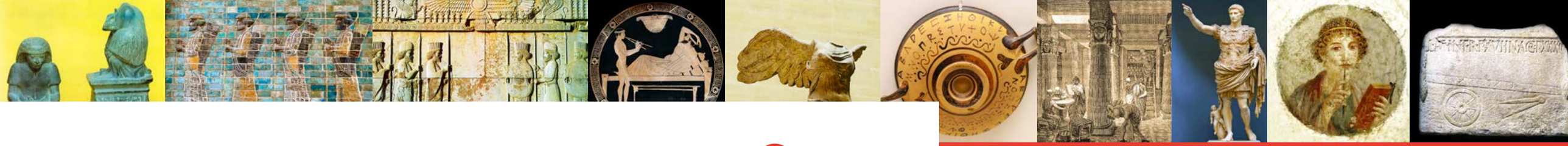
Vale do Côa (Portugal) 20 000 a 2 500 anos

Sapiens Sapiens

O raciocínio abstrato, a linguagem, a introspecção e a resolução de problemas, eis algumas das capacidades que fizeram do homo sapiens o ser dominante do nosso mundo.

Como a maioria dos primatas superiores, os seres humanos são sociais por natureza e particularmente hábeis em utilizar os mais diversos sistemas de comunicação para se expressarem e organizarem.
Os humanos criaram complexas estruturas sociais compostas de muitos grupos cooperantes e concorrentes, desde a família até às nações. As interações sociais entre os humanos criaram uma variedade extremamente grande de tradições, rituais, normas sociais e éticas, leis e valores, que em conjunto formam a base da sociedade humana.
A cultura humana é marcada pelo apreço pela beleza e pela estética, o que, combinado com o desejo de expressão, levou a inovações como a arte, a escrita, a literatura e a música. O Homo sapiens, como espécie, tem talvez a sua característica fundamental no desejo de entender e influenciar o ambiente à sua volta, procurando explicar e manipular os fenómenos naturais através da filosofia, das artes, das ciências, da mitologia e da religião. Esta curiosidade natural leva-o ao desenvolvimento de ferramentas e habilidades avançadas e em contínuo progresso, num desafio cujos limites não são previsíveis.
Os humanos transmitem as suas habilidades e conhecimentos para as próximas gerações, sendo, portanto, considerados dependentes da cultura.

Fragmento de placa com excerto da Epopeia de Gilgamesh, talvez o mais antigo texto literário do mundo, que data de há 5 mil anos. O seu registro mais completo provém de uma tábua de argila escrita em língua acádia do século VIII a.C..



A Escrita

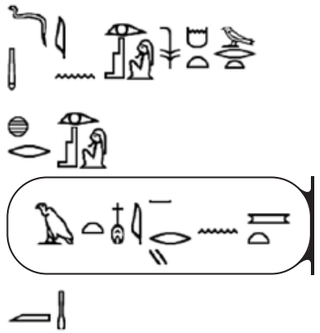
“Quais foram as primeiras ideias morais e as primeiras concepções religiosas que o homem fixou por escrito? Quais foram os seus primeiros raciocínios políticos, sociais e mesmo «filosóficos»? Como s e apresentavam as primeiras crónicas, os primeiros mitos, as primeiras epopeias e os primeiros hinos? Como foram formulados os primeiros contratos jurídicos? Quem foi o primeiro reformador social? Quando teve lugar a primeira redução de impostos? Quem foi o primeiro legislador? Quando se reuniu, e com que intenção, o primeiros parlamento com duas câmaras? Como foram as primeiras escolas, a quem e por quem era ministrado o ensino e segundo que programa?”

A estas e a outra perguntas formuladas pelo sumerólogo Samuel Noah Kramer respondem os documentos produzidos na antiga Suméria há cerca de 5 mil anos, muitos deles decifrados pelo próprio.

Escrita é um sistema de comunicação que consiste na utilização de sinais (símbolos) num suporte para exprimir ideias. As primeiras escritas tiveram carácter ideográfico, isto é, a representação processava-se por meio de desenhos/imagem associados aos objectos ou à coisa representada, como sucedeu inicialmente com as escritas cuneiforme, que surgiu na Mesopotâmia há cerca de 6 mil anos, e hieroglífica, que se desenvolveu no Egipto quase em simultâneo. Com o passar do tempo, ambas evoluiriam para escritas alfabéticas, meio de representação gráfica codificado que permite registar com grande precisão a linguagem falada, por intermédio de sinais visuais, os grafemas, que têm associados um valor fonético. Contudo, nos nossos dias, subsistem sistemas de escrita do tipo ideográfico, como os que são utilizados na China e no Japão, que se servem dos chamados caracteres Hanzi, ditos logogramas.

O veredito de Touthaliya IV
Este documento diplomático apresenta o selo deste rei hitita, em duas línguas: o acadiano e o itita, cuja escrita utiliza os caracteres cuneiformes herdados dos sumérios. Refere-se ao divórcio do rei de Ougarit, Ammitamru II, da filha do rei de Amuru. Provém do palácio de Ougarit (Ras-Shamra), meados do século XIII anos a.C.

Nefertari
Rainha de Ramsés II



Neste texto, que deve ser lido da esquerda para a direita, está escrito:

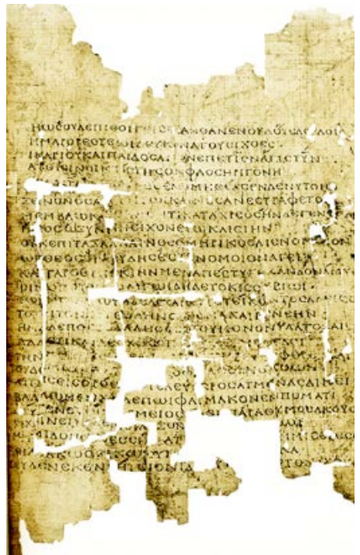
Palavras ditas por Osíris: grande rainha, perante Osíris. Nefertari, amada de Mut

Note-se o nome da rainha escrito dentro de um cartucho

O alfabeto GREGO

O alfabeto grego resulta provavelmente de uma variante do semítico, adoptado, evoluído e difundido pelos fenícios. A introdução das vogais, inexistentes nos antigos alfabetos semíticos antigos, veio facilitar a reprodução de sons abertos longos que se encontravam na morfologia verbal da língua.

O processo de escrita aperfeiçoado pelos gregos veio a ser o veículo de transmissão de uma das mais ricas literaturas de sempre, de tratados filosóficos e de conhecimentos científicos que não só chegaram até aos nossos dias, como se mantêm como fontes inspiradoras nos nossos tempos.



Papiro com fragmento dos Aetia de Calímaco, poemas onde o autor explicava a origem de ritos, mitos, tradições, nomes e instituições de grande parte das regiões mediterrânicas.

LATINO

A partir do século VIII a.C. os etruscos adotaram uma variante ocidental do alfabeto grego usado nas colónias gregas de Ischia e Cumae, na actual Baía de Nápoles, que, aparentemente, havia sido influenciado pelo alfabeto fenício. Das 26 letras originalmente usadas pelos etruscos, depois reduzidas a 20, os latinos conservaram 21 na versão original de seu alfabeto, conhecida desde o século VII a.C.:

A B C D E F Z H I K L M N O P Q R S T V X

No início da história de Roma, a letra [Z] provavelmente representava o moderno som de [z], mas esse som evoluiu para [r] e tornou a letra inútil, pelo que foi removida do alfabeto. A letra [K] tornou-se impopular e foi substituída por [C], que passou a representar tanto [g], o seu som original, quanto o [k] e as vezes também [ŋ], como em agnus.

Por volta de 230 a.C. foi introduzido o [G] para representar os fonemas [g] e [ŋ] e o [C] passou a representar apenas o fonema [k], exceto nas abreviaturas tradicionais de alguns nomes próprios, como [C] ("Gaius", como se ainda fosse escrito CAIVS) e CN ("Gnaeus", como se fosse CNAEVS). O alfabeto passou então a ter as seguintes letras:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X

... onde [K] era uma letra morta, usada apenas nalgumas abreviaturas tradicionais de palavras ora escritas com [C], tais como [K], [KL] ou [KAL], p. ex. [KAL] por [CALENDAE]; [KAR], por [CARTHAGO]; [KM] por [CARISSIMUS], etc.. O [I] e o [V] serviam tanto como as actuais vogais [I] e [U], como as semivogais [J] e [V], que soavam como [j] e [w]. O dígrafo [QV] representava o fonema velar surdo labial [kʷ] ao passo que o fonema velar surdo seguido de [V] vocálico era representado por [C]. Assim, [CVI] (cui) era um dissílabo, mas [QVI] (qui), um monossílabo. O [X] soava sempre como [ks], e o [H] era aspirado.

No século I a.C., com a conquista da Grécia e da crescente influência cultural que esta veio a exercer sobre Roma, a letra grega [Z] voltou ao alfabeto, juntamente com o [Y], para representar a pronúncia correta de palavras de origem grega. Originalmente, esse [Z] representava o fonema grego [z] - ou [dj] na pronúncia dos latinos monoglotas - e o [Y] o fonema [y] equivalente ao [u] francês ou ao [ü] alemão, mas pronunciado pela maioria dos latinos como [i].Também foram adotados os dígrafos [PH], [TH] e [CH] para representar as letras gregas [Phi (Φ)], [Theta (Θ)], e [Chi (X)]. As pronúncias corretas dessas letras eram [pʰ], [tʰ] e [kʰ], respectivamente, mas os monoglotas as pronunciavam como [F], [T] e [C(K)], respectivamente. Com isso, o alfabeto romano tomou sua forma clássica, com 23 caracteres:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z

[AE], [OE], [AV], [EI], [EV] eram originalmente todos ditongos, mas os [AE] and [OE] passaram a soar como vogais longas simples – [ɛ:] e [e:], respectivamente, no final do período republicano.

Após o período clássico, durante o baixo império, o [H] tornou-se mudo, o [C] e o [G] antes de [E] ou [I] passaram a ser pronunciados como palatais, primeiro [kj] e [gj], depois [tj] e [dj], depois [tʃ] e [dʒ], provavelmente. [I] e [V], semivogais, salvo na combinação [QV], passaram a ser pronunciados como [dʒ] e [β] (depois [v]). No início da Idade Média foi introduzido [W] para representar o som de [w], já diferente do [V], em palavras de origem germânica e também na escrita dessas línguas. Também no início da Idade Média, sem chegarem a ser considerados como letras, os grafemas [Æ] e [Œ] passaram a representar os sons agora simples dos antigos ditongos [AE] e [OE]. Nos missais, a Igreja também passou a usar acentos, visto que a acentuação latina tradicional havia deixado de ser intuitiva.

As letras minúsculas foram introduzidas no século VIII pelo monge Alcuíno mestre de Carlos Magno, como uma forma de poupar pergaminho.

Já na Idade Moderna, no século XVI, o [I] foi dividido em [I], vogal, e [J], consoante, e o [V] em [U], vogal, e [V], consonte, mas esse uso só se generalizou a partir do século XVIII. Todas estas modificações deram origem aos modernos alfabetos latinos, onde se conta o português.

O TIPO

A EVOLUÇÃO FORMAL DAS LETRAS

[01] Maiúsculas gregas de inscrição (Theangela, século III a. C.)
Cliché Anderson Giraudon
Letras de uma notável estabilidade, bem calibradas, que se inscrevem tanto em linhas horizontais como verticais, podendo chegar à quadratura rigorosa. Refletem a razão, o equilíbrio e a ordem gregas.

[02] Maíusculas romanas (Coluna de Trajano, Roma, século II)
Cliché Anderson Giraudon
Ao cadenciar o espaço ocupado pelas letras divididas em largas, estreitas, com e sem curvas, as inscrições afastam-se do modelo grego e ganham em monumentalidade.

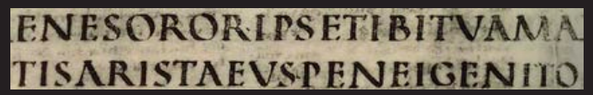
[03] Quadrata (cópia do século IV de um Virgílio)
Stiftsbibliothec. Saint-Gall

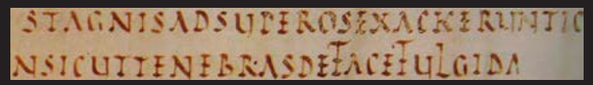
[04] Rustica (cópia do século VI de um Hino de Prudêncio)
Biblioteca Nacional, Paris
De execução mais rápida que a quadrata, a rustica ultrapassa-a nas comunicações públicas de carácter temporário (anúncios eleitorais, proclamações – traçadas com um pincel plano) e serve , por vezes, para as dedicatórias e os epitáfios gravados em pedra.

[05 e 06] Escritas latinas mistas do tipo "De bellis macedonicis" e "Epítome" (respectivamente séculos I e III)
British Library, Londres

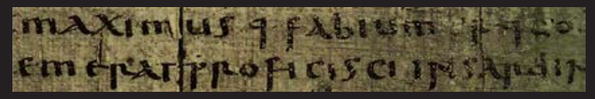
01

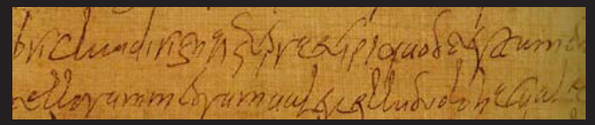
02

03


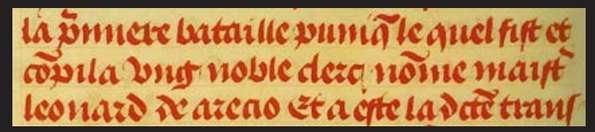
04


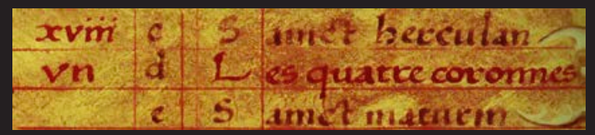
05

06


07


08

09


10


[07] Escrita comum cursiva romana (acta escrita em Ravena, século VI)
Biblioteca Nacional, Paris
Do século I ao século VIII são numerosas as formas que evoluem, mantendo-se sempre na linha das escritas livrescas então usadas, que influenciam e cuja influência sofrem por sua vez.

[08] Textura ou escrita de missais (Constituição de Benedito XII, 1337)
É fundamentalmente a escrita das bíblias e dos manuscritos litúrgicos recopiados nos retiros monásticos.

[09] Bastarda (obra de 1455)
Real Biblioteca Alberto I, Bruxelas

[10] Humanística ("Horas" para serem usadas em Roma, início do século XVI)
Explorer Archives
Adaptada à tipografia, torna-se a "romana" que continuamos a ler todos os dias

Sistemas de ESCRITA em uso no MUNDO

- Alfabeto latino
- Alfabeto cirílico
- Hangul – trácico
- Alfabeto arábe – abjad
- Outros abjads
- Devanagari – abugida
- Outros abugidas
- Silabários
- Caracteres chineses – logográfico
- Outros alfabetos

dos escribas aos copistas

“O meio condiciona o signo”

O primeiro suporte utilizado em larga escala para a escrita foram as tabuinhas de argila onde os caracteres eram “cunhados” na matéria fresca, mais tarde seca ao sol ou em forno. Seguiu-se o rolo de papiro, onde os símbolos eram desenhados a pincel e que, desenrolados, chegavam a medir 6 metros e podiam conter mais que uma obra ou documento. A substituição do papiro, obtido a partir da planta do mesmo nome, pelo pergaminho, pele de animal preparada, veio permitir a compilação de várias páginas, que, cosidas de um dos lados, originou o códice. Uma consequência fundamental do códice é que ele faz com que se comece a pensar no livro como objeto, identificando definitivamente a obra com o livro.

Enquanto os pares de páginas dos livros manuscritos constituem os seus fólios, já os dos livros impressos são as suas folhas. No livro manuscrito, apenas o rosto dos fólios recebe numeração, designando-se cada uma das respectivas páginas mediante o recurso aos símbolos r (anverso, rosto ou recto) e v (verso); ex: o fólio 35 de um qualquer códice tem uma página direita que se refere abreviadamente como fol. 35r e uma página esquerda que será o fol. 35v. À numeração dos fólios dá-se o nome de foliação.

Escriba Egípcio

Copista – Jean Le Tavernier
Portrait of Jean Miélot
Biblioteca Nacional de Varsóvia, Polónia

Códice do séc IX

Rolo de papiro
(séculos I e II). As imagens representando personagens que ilustram este romance escrito em grego estão inseridas no próprio texto
(Biblioteca Nacional, Paris).

Livro de bolso manuscrito, século X.
Antes mesmo de a xilografia se densenvolver, o tradicional rolo sofreu a concorrência de novas formas de livros de folhas dobradas, cujos numerosos exemplos são fornecidos pelos achados de Dunhuang; é o caso desta colectânea de curtos textos budistas seguida da menção do doador e do deu retrato.
Biblioteca Nacional, Paris(J.-P. Drège).

Book of Kells
Biblioteca do Trinity College de Dublin, República da Irlanda
Folio 292r, Incipit to John In principio erat verbum

A Grande Onda de Kanagawa
Xilogravura de Katsushika Hokusai (1760-1849)

Sūtra do Diamante*
Bristish Library,
Londres

A impressão antes da Prensa Móvel

A Morte, o Cavaleiro e o Diabo
Gravura em metal de Albrecht Dürer (1471-1528)

Batalha de Kulm
Litogravura Vasiliy Fiodorovich Timm (1820-1895)

A XILOGRAVURA é de provável origem chinesa, onde já era conhecida desde o século VI, e afirma-se no Ocidente já durante o final da Idade Média. Trata-se de uma técnica de gravação na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Na realidade, é um processo muito parecido com um carimbo. Os chineses empregavam-na para imprimir orações budistas e, com ela, produziram os primeiros livros impressos pelo homem. No século XVIII, duas inovações viriam a revolucionar a xilogravura: a chegada à Europa das gravuras japonesas coloridas, que tiveram grande influência sobre as artes do século XIX, e a técnica da gravura de topo, criada por Thomas Bewick. No final do século XVIII Thomas Bewick teve a idéia de usar uma madeira mais dura como matriz e marcar os desenhos com o buril, instrumento usado para gravura em metal, que dava uma maior definição ao traço. Dessa maneira Bewick diminuiu os custos de produção de livros ilustrados e abriu caminho para a produção em massa de imagens pictóricas. Mas com a invenção de processos de impressão a partir da fotografia, a xilogravura passou a ser considerada uma técnica antiquada. Atualmente, é mais utilizada nas artes plásticas e no artesanato.

Sūtra do Diamante é o mais antigo livro impresso datado. Foi descoberto em Dunhunag por Aurel Stein, em 1907. Este rolo, constituído por sete folhas de papel e 5 metros de comprimento, é também o mais antigo livro do mundo impresso ilustrado. O frontispício mostra o Buda Sakyamuni a pregar no jardim de Jetāvana perante o dialético Subhūti. No fim do texto figura o cólofon, datado de 866, que indica que o doador, Wang Jie, manbdou fazer este livro para o distribuir gratuitamente em benefício de seus pais.
Em comparação com os xilógrafos mais antigos do Japão ou da Coreia, a técnica de impressão revela uma execução mais aperfeiçoada. O local de impressão não é conhecido, mas, acreditarmos nos primeiros testemunhos dos letrados chineses sobre as origens da imprensa, este sutra poderia vir da actual província do Sechuão.

*No budismo, o termo "sutra" refere-se de forma geral às escrituras canônicas que contêm os ensinamentos de Buda.

A GRAVAÇÃO EM METAL é uma das mais antigas técnicas de gravura. Existem obras nesta técnica datadas de 1500, produzidas por vários génios da Renascença, como "A Morte do Cavaleiro e o Diabo" do alemão Albrecht Dürer. O processo consiste em definir o desenho numa matriz de metal, geralmente o cobre, podendo também ser alumínio, aço, ferro ou latão, com recurso a ferramentas adequadas (ponta seca, buril ou outras), por incisão. Os sulcos assim gravados funcionam como depósito de tinta, que, sob pressão, passa para o suporte, ao contrário da xilogravura, em que se utilizam as superfícies planas.

A LITOGRAFIA é a uma técnica de gravação de desenvolvimento relativamente recente em relação a outros processos, cuja matriz é desenhada numa pedra com um lápis gorduroso. A base desta técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, na litografia o desenho é feito através da acumulação de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura e na gravura em metal.

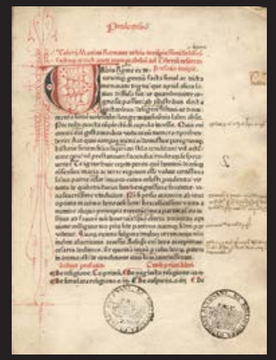
Um grande carimbo

a impressão tipográfica

A impressão tipográfica em relevo nasceu provavelmente na China, por volta dos séculos V - VI. Mas foi na Europa, concretamente na Alemanha, que Gutenberg iniciou a arte de imprimir com tipos móveis, introduzindo o método tipográfico, estava-se em 1450. O método tipográfico consiste num processo de transferência directa de tinta ao papel. Nas áreas em relevo é passada uma camada de tinta, que por sua vez é transferida para o papel por pressão. O prelo coincidente da matriz é composto por um misto, ou não, de tipos móveis, gravuras, etc. A impressão assim obtida apresenta determinadas características que facilmente se identificam, tais como o relevo, algum escorrimento nas pontas ou nos filetes mais finos e a falta de gradientes comuns no offset. Hoje em dia, com o aparecimento do Offset e mais recentemente da impressão digital, a impressão tipográfica tem vindo a ter um peso cada vez menos importante na indústria gráfica, principalmente ao nível da impressão, sendo que se usa essencialmente no corte e vinco, picote, corte especial e numeração.

Gutenberg e a Prensa Móvel

Sabe-se que a impressão em relevo é um processo antigo já utilizado na China, provavelmente, já no século V. Mas foi na Europa, concretamente na Alemanha, que Johannes Gutenberg iniciou a arte de imprimir com tipos móveis, nascendo aí, verdadeiramente, o método de impressão tipográfico. Na sua essência, o método utiliza o princípio da xilogravura, isto é, a transferência de tinta ao papel processa-se por pressão, através de superfícies onde previamente é passada a tinta. O grande mérito de Gutenberg, está em ter criado e aperfeiçoado um sistema de impressão onde os caracteres, moldes ou figuras, passaram a ser móveis. Na prática, a invenção de Johann Gutenberg que, em 1450, colocou a História na Idade Moderna, consistiu na adaptação da prensa utilizada na produção de vinho para uma máquina de impressão gráfica. O mecanismo era composto por uma alavanca que fazia pressão sobre as letras tingidas de tinta, que ao entrarem em contato com o papel faziam a impressão. As imagens eram feitas num só molde, como se fosse um grande carimbo; os textos eram compostos por várias letras individuais. Como os textos precisavam de várias letras repetidas para a sua composição, era necessária uma coleção do mesmo tipo. Para aguentarem a pressão que a máquina produzia, as peças passaram a ser feitas (moldadas) em metal resistente para poderem ser reutilizadas. Este método de impressão ainda subsiste nos nossos dias.



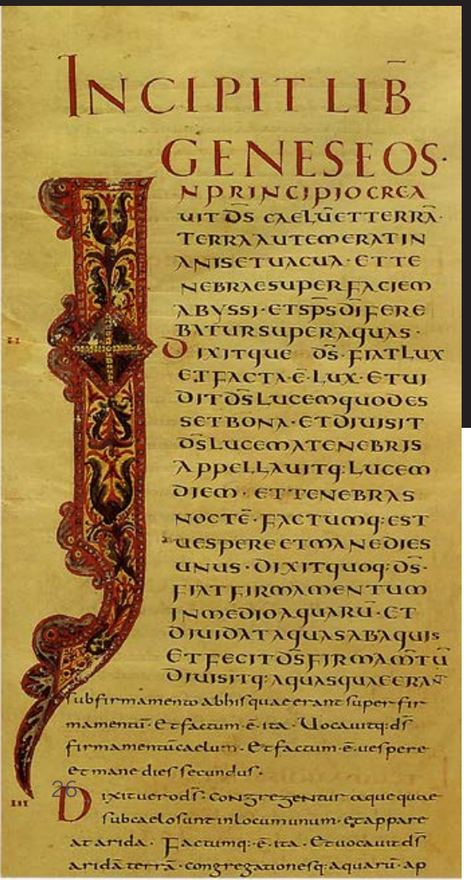
Página do Factorum et dictorum memorabilium de Valério Máximo
incunábulo impresso por Peter Schöffer em Mogúncia 1471

Página do Velho Testamento da Bíblia de Gutenberg
Universidade de Austin-Texas - USA

Bíblia de Gutenberg
O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, processo que se iniciou cerca de 1450 e que terá terminado cinco anos depois em Março de 1455. Trata-se, portanto, do primeiro incunábulo, designação que se dá às obras impressas entre a data aproximada da publicação da Bíblia, até 1500. Essas obras imitavam os manuscritos. Assim, demorou-se 50 anos para que o livro impresso passasse a ter as suas próprias características, abandonando, paulatinamente, as características do livro manuscrito.

Prensa Móvel
em exposição num museu de Munique, Alemanha

O Tipo



Em tipografia, "tipo" refere-se aos caracteres móveis das prensas mecânicas para impressão de textos. São normalmente fundidos em metal, embora inicialmente também se usasse a madeira esculpida. Contudo, o termo também se aplica para designar as diferentes formas de letras que já vinham sendo usadas anteriormente à invenção da prensa móvel, e, depois, aos incontáveis "tipos" que foram sendo criados aos longo dos tempos.

Neste "Incipit" da Bíblia de Alcuíno, existente na Biblioteca Central de Zurique e datado do ano 800, encontram-se quatro tipos de letra:
[01] "Minúscula humanística" (linhas 1e 2) uma sobrevivência da "quadrata" romana;
[02] "Oncial", de influência grega (linhas 3 à 24);
[03] "Semioncial" (linha 29);
[04] "Minúscula carolina" (linhas 25 a 28 e 30 a 32).

A difusão da Prensa Móvel

A partir do ponto de origem, a Mogúncia, na Alemanha, a tipografia propagou-se em poucas décadas a mais de 200 cidades, numa dúzia de países europeus. Em 1500, as prensas de tipos móveis em operação em toda a Europa ocidental já haviam produzido mais de vinte milhões de volumes. No século XVI, a produção aumentou dez vezes, para um número estimado de 150 a 200 milhões de exemplares. Em breve a oficina ou empresa de impressão emprestava o seu nome a um novo ramo de actividade florescente ligada aos meios de informação, a imprensa.

O impacto da prensa de Gutenberg na História é difícil de apreender na globalidade, de tal modo a palavra impressa impulsionou a democratização do saber e lançou as bases materiais para a moderna economia do conhecimento, tornando-o acessível a um público cada vez mais alargado e facilitando a sua acumulação e transmissão.

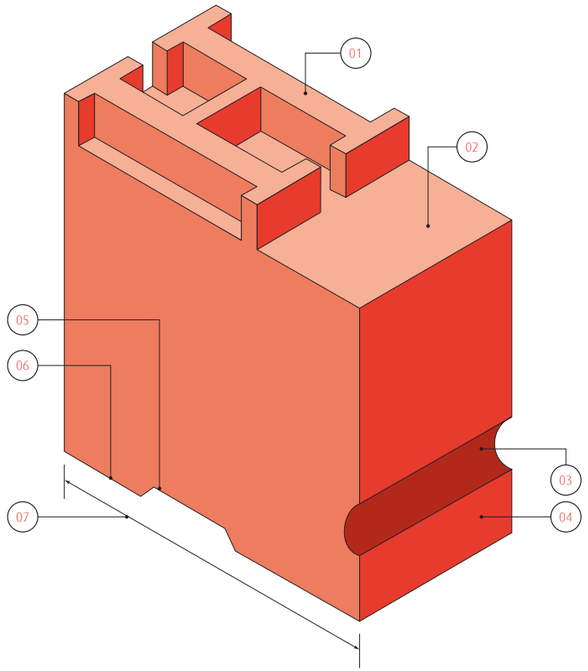
Produção em série e seus efeitos

A mecanização levou à primeira produção em massa de livros na história. No Renascimento, uma só prensa móvel podia produzir 3.600 páginas por dia, o que representa uma diferença abissal para as cerca de quarenta que um copista expedito poderia realizar. Livros de autores como Lutero e Erasmus tornaram-se verdadeiros "best-sellers", atingindo centenas de milhares de pessoas na época de seu lançamento. Iniciou-se então uma nova era de comunicação de massas que transcendeu fronteiras, ameaçou o poder de autoridades políticas e religiosas, galvanizou reformas e alterou a estrutura da sociedade. O aumento acentuado da literacia quebrou o monopólio de uma elite letrada sobre a educação e aprendizagem e reforçou a emergente classe média. Em toda a Europa as línguas vernáculas floresceram em detrimento do latim, que foi perdendo o seu estatuto de língua franca.

Tipos móveis de metal

Tipos de madeira

Combinação de tipo metálico com tipo de madeira



[01] Olho
[02] Rebarba ou talude
[03] Risca ou ranhura
[04] Face anterior ou Barriga
[05] Canal ou goteira
[06] Pé
[07] Corpo

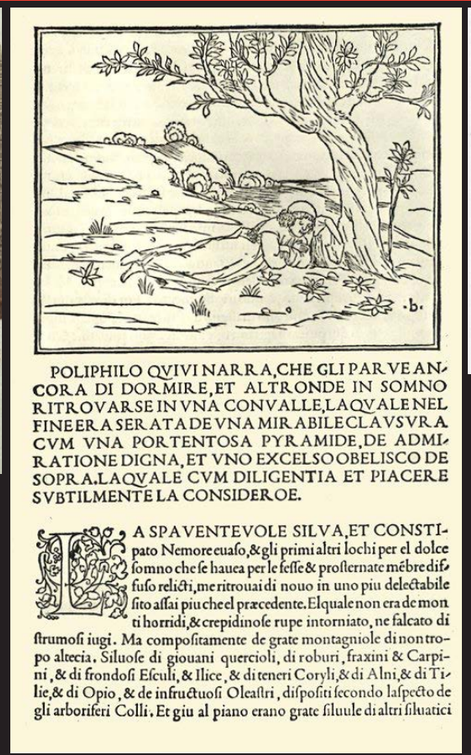
Tipografia e COMPOSIÇÃO

O aperfeiçoamento do processo tipográfico deu-se a par do desenvolvimento das diferentes técnicas relacionadas com a apresentação do texto, designadamente a criação de novos desenhos de letras, assim como a distribuição dos elementos gráficos no espaço limitado da página ou páginas a imprimir, aquilo a que hoje se chama composição gráfica, paginação ou design gráfico, cuja função é conciliar um efeito visual harmónico entre todas as partes com a máxima eficiência comunicativa. No início da tipografia, uma das figuras mais destacadas neste campo é o italiano Aldo Manuzio. Ele foi importante no processo de maturidade do projecto editorial, que não mais deixaria de evoluir enquanto processo criativo. Robert Bringhurst, escritor, poeta e um conceituado designer dos nossos dias, autor do livro Elementos do Estilo Tipográfico, disse, a propósito, que "palavras bem escolhidas merecem letras bem escolhidas".

Oficina de tipografia – acabamento de um livro gravura do seculo XVI

Uma tipografia do século XVI de Jost Amman

Prólogo e folha de rosto do Sacramental de Clemente Sánchez de Vercial, impresso em Chaves em 1488 e considerado o primeiro livro impresso em língua portuguesa.



POLIPHILO QVIVI NARRA, CHE GLI PARVE ANCORA DI DORMIRE, ET ALTRONDE IN SOMNO RITROVARSE IN VNA CONVALLE, LAQVALE NEL FINE ERA SERATA DE VNA MIRABILE CLAVSVRA CVM VNA PORTENTOSA PYRAMIDE, DE ADMIRATIONE DIGNA, ET VNO EXCELSO OBELISCO DE SOPRA. LAQVALE CVM DILIGENTIA ET PIACERE SVBTILMENTE LA CONSIDEROE.

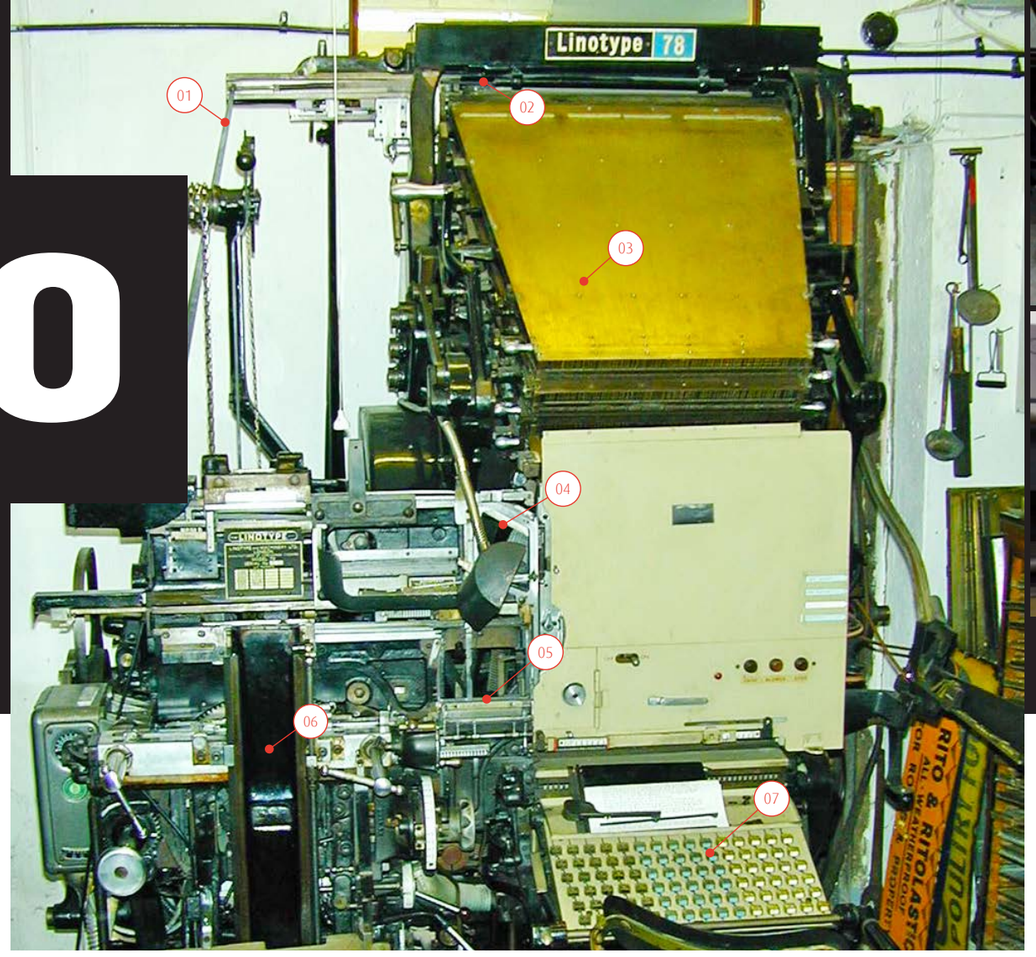
A SPAVENTEVOLE SILVA, ET CONSTIpato Nemore euaso, & gli primi altri lochi per el dolce somno che se hauea per le fesse & prosternate mêbre diffuso relicti, me ritrouai di nouo in uno piu delectabile sito assai piu che el præcedente. El quale non era de monti horridi, & crepidinose rupe intorniato, ne falcato di strumosi iugi. Ma compositamente de grate montagniole di non troppo altecia. Siluose di giouani quercioli, di roburi, fraxini & Carpini, & di frondosi Esculi, & Ilice, & di teneri Coryli, & di Alni, & di Tilie, & di Opio, & de infructuosi Oleastri, dispositi secondo laspecto de gli arboriferi Colli. Et giu al piano erano grate siluule di altri siluatici

Em Portugal, a imprensa foi introduzida no tempo do rei D. João II. O primeiro livro impresso em território nacional foi o Pentateuco, impresso em caracteres hebraicos no ano de 1487, no prelo de Samuel Gacon, editor judeu, operador da primeira oficina tipográfica em solo português, situada em Faro.

A edição de Hypnerotomachia Polophili representa um dos momentos mais altos da arte do livro na Renascença; foi impresso na oficina tipográfica de Aldus Manutius em 1499, nessa data a imprensa mais prestigiada de Veneza.

A entrada em cena do Linotipo

Em 1886, Ottmar Mergenthaler, um relojoeiro alemão emigrado nos EUA, apresentou um equipamento de composição mecânica que, utilizando o teclado de uma máquina de escrever, era capaz de compor linhas de texto inteiras a partir matrizes de metal em baixo relevo e separadas, de as fundir imediatamente e de as voltar a colocar no sítio de onde haviam sido retiradas, para poderem voltar a ser utilizadas.



[01] Elevador do distribuidor
[02] Distribuidor
[03] Magazine
[04] Caixa de espaçadores
[05] Elevador do reunidor
[06] Mecanismo de fundição
[07] Teclado

Assim, enquanto os equipamentos de composição mecânica inventados até então produziam linhas com tipos já fundidos, a sua invenção combinava a composição de textos com a fundição de tipos numa única operação. Tal criação levaria o inventor a afirmou naquela altura: "A não ser que seja inventado algum sistema de impressão, no qual os tipos não sejam necessários, estou convencido de que o método empregado na nossa invenção será dominante no futuro, não apenas por ser económico, mas principalmente pela sua qualidade superior".

Mergenthaler viria a ser denominado o segundo Gutenberg por muita gente ligada às artes gráfiacas, e a sua máquina de compor, fabricada pela Linotype Company, sempre em constante renovação, sempre na procura de uma maior eficiência operacional, viria a equipar as tipografias dos jornais até aos anos 70 do último século, altura em que começaram a entrar em cena as rotativas.

Costuma-se apontar a Acta Diurna, que o imperador Augusto mandava colocar no Fórum Romano, como a primeira publicação regular da história. Já ao cair do pano da Idade Média, apregoavam-se pela ruas de Veneza folhas escritas com notícias comercias, vendidas ao preço de uma gazeta, que era a moeda local, de onde surgiu o nome de inúmeros jornais durante toda a Idade Moderna até à contemporaneidade. A evolução do processo de impressão tipográfico e o aparecimento de um género de publicação periódica de carácter informativo tornar-se-iam indissociáveis logo após a invenção de Gutenberg. Tanto assim, que o termo imprensa acabaria por designar quer o engenho e a oficina onde se imprimia, quer os meios de comunicação que difundiam as notícias e, de um modo geral, a própria actividade jornalística.

Foi justamente o carácter urgente de difusão da notícia e a feroz competição pela fidelização de leitores entre os muitos jornais que rapidamente nasceram por todo o lado, aquém e além Atlântico, que impulsionou a procura de soluções técnicas que agilizassem a composição e impressão dos periódicos, sobretudo com o aparecimento dos diários.

Bibliografia: http://www.revistatecnologiagrafica.com.br

História da imprensa PERIÓDICA

O termo imprensa deriva da prensa móvel, processo gráfico aperfeiçoado por Johannes Guttenberg no século XV, que, a partir do século XVIII, foi usado para imprimir jornais, então os únicos veículos jornalísticos existentes. De meados do século XX em diante, os jornais passaram a ser também radiodifundidos e teledifundidos (radiojornal e telejornal) e, com o advento da World Wide Web, vieram também os jornais online: os webjornais ou jornais electrónicos. Contudo, o termo "imprensa" manteve-se sempre.

A arte de imprimir propagou-se com uma rapidez impressionante pelo vale do rio Reno e por toda a Europa. No início assistia-se essencialmente à publicação de obras clássicas, a partir dos manuscritos existentes em latim, mas em breve os autores da época começaram a dar ao prelo as suas próprias obras nas línguas vernáculas, contribuindo para o amadurecimento e consolidação gramatical dos respectivos idiomas. As publicações periódicas acentuariam também essa tendência.

No iníco do século XVII começam a aparecer as primeiras publicação impressas periódicas regulares: o **Nieuwe Tijdinghen**, semanal, aparece em 1602, em Antuérpia; o ***Relation aller fürnemmen und gedenckwürdigen Historien*** (Relação de todas as notícias notáveis e rejubilantes), em 1609, em Estrasburgo; o ***Weekly News***, semanário inglês, que, a partir de 1638, seria o primeiro jornal a publicar noticiário internacional.

O primeiro jornal português foi a **Gazeta** da Restauração, publicado em Lisboa em 1641.

O jornal mais antigo do mundo que ainda se mantém em circulação é o sueco ***Post-och Inrikes Tidningar***, que teve início em 1645.

Relation aller fürnemmen und gedenckwürdigen Historien

História de como Johan van Oldenbarnevelt foi decapitdo na manhã de Segunda, 13 de Maio de 1619, publicada numa gazeta de Antuérpia por Abraham Verhoeven, no mesmo ano.

Gazeta "Da Restauração", primeiro jornal publicado em português

Alguns títulos de jornais mais conhecidos nos seus países e, nalguns casos, no mundo.

A INDUSTRIALIZAÇÃO E A IMPRENSA DE MASSAS

O ***The Times***, de Londres, começa a circular em 1785, com o nome de The Daily Universal Register. Seria rebatizado para The Times três anos depois. Nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst criaram grandes jornais destinados à venda em massa. Em 1833, foi fundado o ***New York Sun***, primeiro jornal "popular", vendido a um centavo de dólar. O ***The Guardian***, um dos jornais mais vendidos do Reino Unido até hoje, surge em 1821.

Acompanhando a industrialização ocidental, o Japão ganha o seu primeiro jornal em 1871, com o ***Yokohama Shimbun***. Atualmente, o Japão é o país com maior índice de circulação de jornais per capita no mundo.

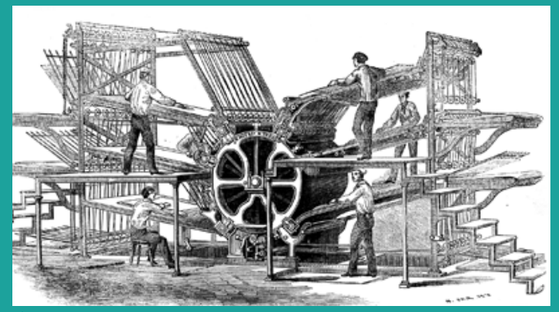
Nos séculos XVIII e XIX, os líderes políticos tomaram consciência do grande poder dos jornais para influenciar a população e proliferaram os pasquins de facções e partidos políticos. Por sua vez os empresários descobriram o potencial comercial do jornalismo como negócio lucrativo e surgiram as primeiras publicações parecidas com os diários atuais.

Paralelamente surgem, ainda no século XIX, empresas dedicadas à recolha de informações sobre a atualidade que eram depois vendidas aos jornais, mais tarde designadas por agências noticiosas, a primeira das quais foi fundada em 22 de outubro de 1835 pelo francês Charles-Louis Havas, que viria a tornar-se a atual ***Agence France-Presse***. Sucedem-se as conhecidas ***Associated Press***, criada por uma associação de jornais de Nova York, em 1848, e a ***Reuters*** fundada em 1851, na Alemanha. No mesmo ano é fundado o ***The New York Times***, o principal jornal de Nova Iorque e atualmente um dos mais importantes nos Estados Unidos e no mundo.

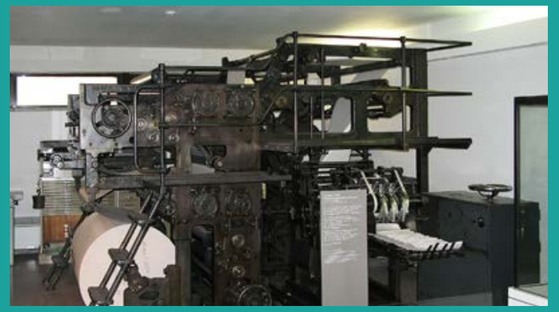
Agência Reuters
Nova Iorque

"Paz concluída" - Um oficial inglês ferido lê a reportagem do Times sobre o fim da guerra da Crimeia
Pintura de John Everett Millais de 1856

August Applegath construiu en 1845 una máquina de impressão para o Times capaz de realizar 12.000 impressões por hora, com base em desenvolvimentos anteriores de Richard March Hoe, de William Bullock e do francês Ippolito Marinoni. A necessidade dos grandes periódicos para produzir crescentes tiragens em tempo record levou a um rápido desenvolvimento das máquinas, com aperfeiçoamentos que se sucediam a todo o momento, num processo que, nesta fase, culminou com a invenção da linotipia por Ottmar Mergenthaler, em 1886



Montagem de uma impressora concebida por Richard March Hoe's, inventor americano que muito contribuirá para o desenvolvimento da rotativa

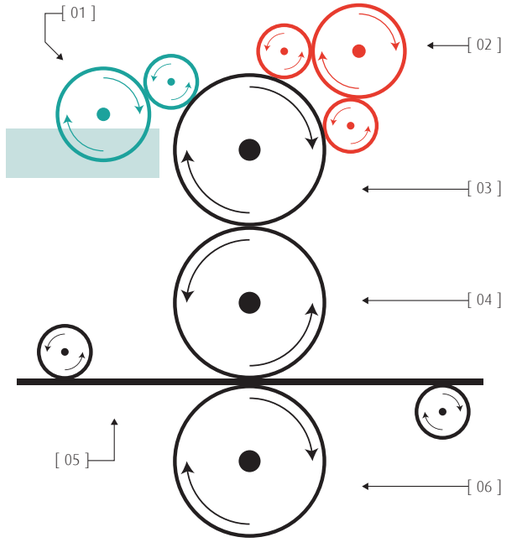


Antiga impressora rotativa exposta no Deutsches Museum, Berlin

Offset

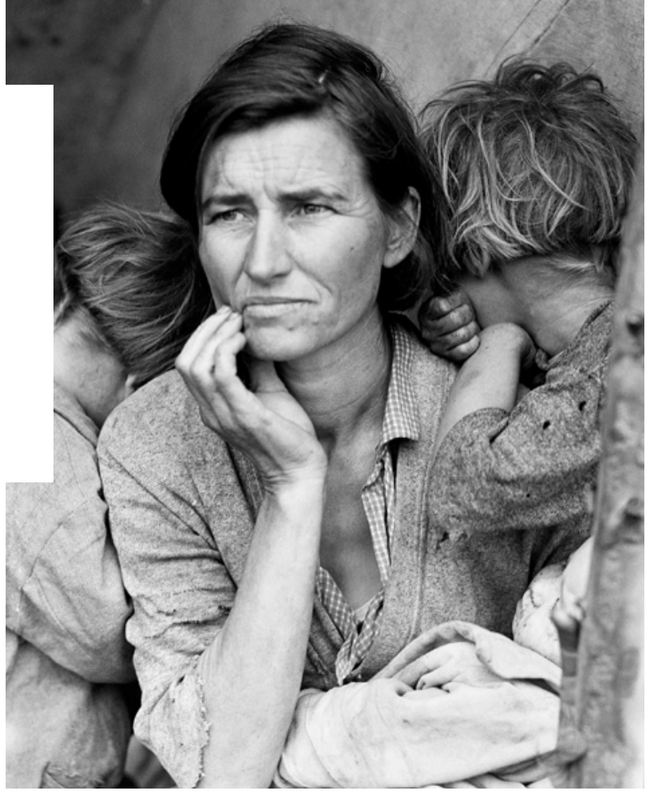
A partir da segunda metade do século XX o offset tornou-se o principal processo de impressão, garantindo boa qualidade e grandes tiragens praticamente em qualquer tipo de papel e em alguns tipos de plástico.

Semelhante ao tradicional, este processo imprime sem a utilização de água e permite a entrada digital de dados a partir do computador(sistema CTP – computer to press). Existem hoje máquinas offset capazes de imprimir quatro ou mais cores numa só operação, por contraponto com as mais antigas que imprimiam cor a cor.



Esquema offset

[01] Rolos de molha (água)
[02] Rolos de tinta
[03] Rolo da chapa
[04] Rolo de borracha
[05] Papel
[06] Rolo impressor



"Mãe Emigrante", fotografia de Dorothea Lange, de 1936, é uma das mais reproduzidas imagens da história da fotografia que cumpre bem os critérios do melhor fotojornalismo.

Joseph Pulitzer, o editor que revolucionou os jornais com técnicas que alguns admiraram, por ter impulsionado um "novo jornalismo", e que outros censuraram e apelidaram de "Jornalismo Amarelo". Praticou um jornalismo rigoroso, divulgando e combatendo, nas páginas do seu jornal, a corrupção política, proclamando-se" defensor das pessoas e porta-voz da democracia", lutando ao lado dos operários por menos horas de trabalho e melhores condições de vida para os pobres, e atacando as grandes companhias e monopólios laborais. Foi responsável por uma grande parte da legislação antitrust e pela regulamentação de companhias de seguro industriais. O prémio Pulitzer, instituído em sua memória, é hoje o galardão máximo que qualquer jornalista ambiciona.

Offset digital

É um sistema de impressão indirecto, pois a imagem é passada da matriz a um elemento intermédio antes de ser passada ao papel. Tal como sucedeu com o processo tipográfico, a evolução do offset foi permanente.

Moderna máquina offset preparada para imprimir em quadricromia.

A Sociedade da INFORMAÇÃO

Desde sempre o homem procurou desenvolver ferramentas para comunicar. E a História prova-nos que a produção e difusão do conhecimento foi sempre o grande motor do desenvolvimento social e económico das sociedades.

A natural propensão do homem para analisar o mundo à sua volta, para descobrir, testar e comunicar resultados, abriu caminho a um ciclo de progresso e prosperidade impensável de alcançar em tão pouco tempo de vida da humanidade. Mas os riscos também existem, e não são pequenos. Se a "produção de conhecimento desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos", tal pode também conduzir ao desastre civilizacional, com a criação de maiores assimetrias sociais e o aparecimento de novos processos de exclusão, caso as políticas educativas não invertam a preocupante tendência de educar unicamente para a competitividade, reduzindo a vida dos cidadãos à performance profissional, apostando cegamente nos resultados económicos em detrimento dos processos, numa perigosa deriva autofágica.

As facilidades que as novas tecnologias da informação trazem, em termos de débitos e qualidade, e os níveis de complexidade que acarretam relativamente à gestão da informação, implicam também um aumento de capacidade de descodificação e tratamento por parte dos receptores. O fluxo de informação que circula hoje na Internet configura uma espantosa e infinita teia que toca todos os pontos do planeta. Espera-se que o sentido analógico que se quis privilegiar da palavra web, aquando da sua criação, não degenere naquele outro susceptível de nos privar do oxigénio que respiramos.

O data center CERN, em 2010, abrigando alguns servidores WWW

Edifício da CNN (Cable News Network) em Nova Iorque. A CNN, fundada em 1980, foi o primeiro canal de notícias a transmitir 24 horas ao dia e também o primeiro canal exclusivamente jornalístico.

Sede da BBC- British Broadcasting Corporation, a empresa pública de radio e teledifusão do Reino Unido.

Estúdio do canal de notícias Al Jazeera, no Catar, considerado a CNN do mundo Árabe.

No final dos anos 80, Tim Berners-Lee inventou a World Wide Web usando este computador como o primeiro servidor Web. O livro que se vê é, provavelmente, "Informe-se por dentro, sobre tudo", que TBL descreve na primeira página do seu livro "Tecendo a Web" como "um velho e mofento livro vitoriano de conselhos em que eu reparei em criança em casa dos meus pais, nos arredores de Londres." Museu Público de Ciência no CERN - European Organization for Nuclear Research, onde Berners-Lee trabalhava em 1991, quando inventou a Web.

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

MUSEU MUNICIPAL PENAMACOR